

## Eliana Dadalto

É deputada estadual pelo PTC

/// A Lei Maria da Penha, criada para tentar coibir o feminicídio, é um instrumento insuficiente para combater o fenômeno do machismo

## A mulher e a violência

Uma média de seis mulheres foram assassinadas por mês desde o início deste ano no Espírito Santo. O índice é um dos mais altos do Brasil e nos coloca em posição de destaque no ranking de feminicídio nacional. Esses crimes revelam que a Lei Maria da Penha, criada para tentar coibi-los, é um instrumento insuficiente para combater este fenômeno que denominamos de machismo, criado pela sociedade patriarcal, que nos tira abruptamente mães, filhas, irmãs, noras, amigas, avós e cidadãs.

A cada crime, nos interessamos em procurar nos jornais o nome do culpado. Na verdade, queremos também saber em que circunstância o relacionamento dos envolvidos chegou naquele trágico desfecho, como foi, onde foi etc.

Satisfeita nossa curiosidade, cruzamos os braços até que outra mulher seja assassinada. E assim acontece há milhares de anos. Ontem, foi a faxineira Ana Cláudia Marcílio Fernandes, de 18

anos, que teve o crânio esmagado, provavelmente pelo próprio companheiro, em Cariacica. Hoje, foi a médica Clícia Regina Gravina de Alcântara, 48 anos, linharensense morta pelo marido em Cachoeiro de Itapemirim. Casos que mostram que a violência contra a mulher não está ligada apenas à lógica da pobreza, da desigualdade social. Trata-se de uma questão cultural.

Mas como combater este monstro criado pela própria sociedade que, em determinados segmentos e em determinadas circunstâncias, transforma a mulher em um ser sem expressão, em uma pessoa que não possui vontade própria dentro do ambiente familiar?

Talvez a reflexão de cada um de nós se constitua em uma arma poderosa para libertar a mulher da brutalidade, do constrangimento, do abuso, da proibição, da imposição, da ofensa, da agressão física e psíquica, elementos que historicamente são usados para aterrorizar a mulher.

Precisamos de leis mais severas, de instrumentos mais eficazes que, como deputada e, sobretudo como mulher, me proponho a buscar. Estou convencida de que precisamos levar este debate para dentro de nossas escolas, de nossas empresas, de nossas igrejas e, de nossas instituições e, principalmente, para dentro de nossas casas.



## Orlando Caliman

É economista e escreve às quintas-feiras neste espaço

E-mail: ocaliman.vix@gmail.com

/// O problema do Brasil é de “anemia” interna: de poupança, de investimentos, de crescimento, de juros nas alturas, de inflação. Está descolado do mundo

## Poupança e investimento

No mundo em geral, com raríssimas exceções, dentre as quais o nosso país, o que está acontecendo pode ser caracterizado como uma situação de abundância global de poupança. Ou seja, está sobrando dinheiro no mundo. Em contrapartida, os investimentos estão a dever.

O que torna esse fenômeno em algo que deva provocar preocupações e também direcionar as atenções dos formuladores de políticas econômicas tanto de países isoladamente, mas também de países agrupados e globalmente, é a sua persistência no tempo. Está demorando mais do que esperaria. E é isso que o diferencia, enquanto fenômeno, de recorrências em outros momentos no passado. Característica que pode estar indicando que o mundo econômico está diante de um quadro que se aproxima de uma situação de “anemia”, ou seja, de baixo crescimento, quase estagnação e de deflação.

Em entrevista publicada na última edição da revista semanal do jornal “Valor Econômico”, o ex-secretário de Estado do Tesouro Americano Lawrence Summers chama a atenção para o ele denomina de situação de “abundância global de poupança”. Não haveria nenhum problema se essa abundância pudesse

encontrar do outro lado uma demanda na mesma dimensão de investimentos. Essa dessincronia entre oferta de poupança e demanda por investimento acaba provocando um excesso do lado da oferta, que com o tempo vem se transformando em problema estrutural crônico em escala global.

Esse excesso de poupança tem origem sobretudo na China e Arábia Saudita. A China, por exemplo, por vários anos seguidos vem mantendo altas taxas de poupança, algo em torno de 40% do PIB. Como não encontra condições internas para absorvê-la totalmente, busca alternativas fora das suas fronteiras, mas principalmente na economia americana. Esse movimento provoca consequências como juros baixos e até negativos em termos reais, na maioria dos países desenvolvidos, e o dólar em alta.

Mas a questão central, para a qual Summers chama a atenção, está refletida na incapacidade ou na limitação, que ele considera um problema estrutural, dos juros baixos por um período mais longo do que o normal não estarem provocando, como se esperaria, reações mais consistentes do lado dos investimentos. De certa forma, o mundo estaria preso a uma armadilha do juro quase zero, algo que se aproximaria do conceito keynesiano da “armadilha da liquidez”.

Já o problema do Brasil é de “anemia” interna: de poupança, de investimentos, de crescimento, de juros nas alturas e de inflação. Parece estar descolado do mundo.